



A DEMANDA POR ARQUIVOS E A REDEFINIÇÃO DO FAZER HISTÓRICO NA DÉCADA DE 1960

Mauro Cezar Vaz de Camargo Junior¹

Este trabalho se propõe a analisar os debates sobre os Arquivos durante a primeira década da Associação Nacional dos Professores de História (ANPUH). Compreender a importância desta relação é parte dos interesses da pesquisa de doutoramento que vem sendo desenvolvida junto a Universidade Federal de Santa Catarina. Que tem como tema central o estudo da constituição do campo da História, no âmbito universitário, nas décadas de 1960 e 1970. O entendimento de História, proposto pelo grupo que fundou a ANPUH, colocava-se como uma crítica a uma versão considerada historicizante e buscava, no método, a sua “superação”. O entendimento das fontes e dos arquivos se apresentavam como um dos mais importantes elementos para a afirmação da área como científica e profissional. Podemos delimitar dois dos seus usos mais evidentes nesse processo: o primeiro, como ferramenta evidenciaria apresentando novos dados para a revisão das narrativas até então em voga; o segundo, como elemento laboratorial na institucionalização da técnica do historiador, pensando os arquivos como local de prática iniciaria das pesquisas e a Arquivologia como uma das principais Ciências Auxiliares da História.

Como acentua Michael de Certeau (2010, p.83), a transformação dos elementos arquivísticos é o ponto de partida para a visualização de novas condições para a operação historiográfica. A influência da segunda geração ligada a *Revista dos Annales* sobre as primeiras gerações de egressos das Faculdades de Filosofia no Brasil, representaram um espaço para que fosse questionado o lugar da História e a consolidação dessa área de conhecimento dentro da universidade. Por sua vez, diretamente ligado aos debates sobre uma adequação entre as visões sobre o passado e as demandas da sociedade e da academia.

A História praticada nas Faculdades de Filosofia, voltavam-se primordialmente para a formação docente, como uma decorrência da expansão do ensino médio, iniciado pelas reformas de Francisco Campos e Gustavo Capanema, ainda no governo de Getúlio Vargas. A produção de pesquisa se detinha sobre temas como Antiguidade, Medievo e Brasil Colonial, o que fazia com que estivesse distante de dar respostas aos problemas sociais do presente. Esse panorama se somava ao crescimento da Sociologia dentro de instituições como o *Instituto de*

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, Bolsista da CAPES

Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e a *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*, que desenvolviam análises que, muitas vezes, discordavam das visões de História praticada nos Institutos e Academias. Esse cenário aponta como problemática a elaborações sobre um passado edificante.

A crítica ao que se configurava como uma crise de reconhecimento do campo, no final da década de 1950, tem a influência da escola francesa, com a qual muitos dos sujeitos que estiveram envolvidos nesse discurso de ruptura, tiveram contato durante a formação. Os principais saberes técnicos espriados foram a compreensão de temporalidade, com a discussão de Fernand Braudel sobre as diferentes camadas dos processos; o retorno aos debates de âmbito local e regional, em uma perspectiva de realização total da história; e a ampliação do entendimento de fontes, que implicou na valoração de documentos que não encontravam o cuidado necessário, mesmo quando ocupavam função administrativa e repousavam em caixas de arquivo morto de alguma repartição pública.

A visão sobre a importância do arquivo não se delimitou nesse momento, a produção anterior sobre a História nacional se voltava para os documentos, as iniciativas pautadas tomaram uma nova visão sobre este. A preocupação com assegurar a constituição de acervos era visível dentro das mobilizações em torno a da profissionalização. Na ANPUH, o debate estava presente desde o congresso de sua fundação, onde a questão figurou nos relatórios de sobre as disciplinas e nas moções. A aplicação maior dos arquivos esteve nas pesquisas orientadas como parte da *Introdução Aos Estudos Históricos*, e como uma prática de extensão, destacando-se ainda como chave para as revisões dos temas locais.

Essas perspectivas estão presentes na abertura dos I Simpósio Nacional da Associação, o chamado encontro de Marília, de 1961. Este tinha como tema principal a construção do currículo de História. Um dos impasses era uma formação que habilitasse docentes e pesquisadores, questão explanada pelo historiador francês Michel Mollat. Já no título de sua conferência deixava evidente sua posição: *Pour Une Étude Équilibrée De L'Histoire Recherche Et Enseignement*. Mollat iniciou sua apresentação dizendo que esperava que “a poeira luminosa que o cobriu nos caminhos para Marília diminuísse um pouco a repugnância que o público podia sentir diante de uma exposição austera e evocadora da poeira dos arquivos” (Mollat, 1961, p.49). Comentou que essa encruzilhada se repetia em outros países e instituições, era comum a ideia de que para formar um bom pesquisador se debilitava o preparo para o ensino e “vice-versa”. Além de considerar que um ensino que abrangesse

ambos era o ideal, fazia vistas da necessidade da projeção de que um bom professor tem que ter condições de questionar documentos e pesquisas, e só o teria condições de fazer bem se tivesse uma experiência pessoal ligada a prática.

E para essa estrutura, Mollat se baseando na experiência por ele vivida, defendia integração das pesquisas no ensino, como parte das atividades docentes. Citava as disciplinas com carga horária de iniciação a pesquisa, voltados a passar aos alunos as técnicas e práticas da área, o que era resolvido pela atuação junto aos arquivos e a coleta de fontes. No caso brasileiro, porém, esse encaminhamento esbarrava na falta destes espaços, mas tal escassez era entendida como uma demanda, a saída para essa questão era que os historiadores fossem também formadores de acervos.

Projetos desta natureza representavam grande parte da produção exposta nos primeiros eventos da ANPUH. Foram 501 comunicações apresentadas nos simpósios nacionais entre 1961 e 1979, 167 dedicadas a apresentar fontes primárias. Os temas eram voltados, em grande parte, para a formação e levantamento de arquivos municipais, tomavam como principais acervos os materiais das igrejas, prefeituras, cartórios e câmaras. O volume era tamanho que, entre 1971 e 1975, haviam dois módulos dedicados a estas fontes, que se dividiam entre o tema central do evento e de elaborações diversas. Duas edições mais tarde, foram incluídos os debates sobre fontes secundárias pensando seus lugares e significações.

O que se percebe nessas primeiras comunicações, é mais uma preocupação com a conservação das fontes e menos uma problematização dos usos e dos significados do arquivo. Porém, esses pesquisadores não se colocavam apenas como frequentadores de arquivo, mas como parte da sua constituição, por meio do recolhimento de documentação e sua doação, elencando e organizando as importâncias e as séries do que deveria ser arquivado e somado aos catálogos. Entendia-se a seleção dos documentos a serem guardados pelas demandas de seus usuários, em uma visão próxima a que, em geral, se atribui a Teodor Schelleberg. Os arquivos são resultado da preocupação das pesquisas em possuir grandes sequencias de documentos, que possam dar conta de uma cobertura cada vez maior de informações sobre o passado a ser questionado.

Algumas iniciativas tiveram grande destaque, por se tratarem de pesquisas de longo prazo e abrangência, aqui cabe explicar mais detidamente duas destas. A primeira foi desenvolvida Maria da Conceição Martins Ribeiro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, que apresentou comunicação intitulada: *A organização de dois arquivos:*

autobiográfico e falado do Museu de Rio Claro. Desta iniciativa surgiram as primeiras comunicações diretamente voltadas ao tema dos arquivos, no encontro de Franca (SP) em 1965. Estas trazem como discurso central a necessidade da viabilização da pesquisa e da falta de arquivos organizados. Destaca-se ainda neste texto a diversificação do entendimento sobre as fontes. O projeto desenvolvido no Arquivo do Museu citado, busca se diferenciar dos acervos que comumente agregam material impresso, segundo Ribeiro (1965):

modernamente, porém, em virtude do extraordinário desenvolvimento técnico científico de nossos dias, há uma tendência para o aparecimento de outros tipos de fontes que são importantíssimas para os pesquisadores. (p.320)

Chama atenção que a iniciativa idealizada junto com a professora Jeanne Berrance de Castro – também docente em Rio Claro – pretendia criar fontes sobre o presente, com as entrevistas e formação de arquivos autobiográficos, o planejamento era recolher impressões de diferentes pessoas sobre o processo recente². A preocupação se dividia entre guardar as informações produzidas no passado e relatar o vivido para as análises futuras. A pesquisa realizada em Rio Claro ligava-se, também, aos ensinamentos de *Metodologia e Introdução à História*, onde, com a participação dos alunos, eram desenvolvidos *inventários analíticos*³. Ribeiro (1965) apresentou o processo na sua comunicação o *Curso De Introdução Aos Estudos Históricos E As Fontes Primárias (uma Experiência)* (p.413). Este teve início com a proposta da professora Jeanne de Castro em instalar um museu na cidade e, com isso, aproximar a instituição universitária com a sociedade local, o que, segundo ela, ganhou motivação com a deliberação unânime de Simpósio de Marília sobre a criação de arquivos locais.

A autora relatou, que em desacordo com os encaminhados em Marília, o curso era oferecido aos alunos no primeiro semestre do curso e não tinha possibilidade de desdobrá-lo em duas matérias. Sendo assim, optou-se por um planejamento direto em que os alunos fizessem o levantamento da documentação particular da classe, acompanhado da construção e execução de um roteiro de entrevistas. Para assim, “pela prática, ter uma experiência viva do que é o documento histórico na sua mais ampla significação” e entendendo que “o trabalho de

² Dos debates dessa comunicação sai a indicação do professor José Luiz Pasim, de Lorena, para que seja criada a sessão temática de fontes primárias.

³ Defendem o uso do termo em oposição ao de catálogo por não se referir a uma construção interessada da ferramenta de pesquisa, e sim como uma descrição ampla do fundo a ser examinado.

pesquisa é o mais importante a ser desenvolvido pelo aluno” (p.413). A fala da professora apresentou, além da compreensão de que a pesquisa era fundante na formação do historiador, a afirmação da ANPUH como espaço de debates e direcionamento da área, assim como das adequações que o cenário das faculdades exigia.

O outro caso a ser tratado, refere-se a um dos mais amplos projetos desse formato, tendo sido apresentado no Simpósio seguinte, em 1969, realizado na Universidade Católica de Campinas. Neste ano, os trabalhos do grupo do Paraná compuseram uma sessão própria onde se incluíam professores e alunos da Universidade Federal do Paraná e das Faculdades de Maringá, União da Vitória e Paranaguá. As comunicações eram resultantes das pesquisas construídas dentro do projeto *Arquivos Paranaenses*, sob a coordenação das professoras Altiva Pillati Balhana e Cecília Maria Westphalen.

A produção conjunta entre instituições e áreas de conhecimento era um formato aplicado da metodologia apreendida pelas professoras em suas experiências junto ao grupo formado, entre outros, por Fernand Braudel, Pierre Chaunu e Frederic Mauro. Mesclavam seus ensinamentos com o modelo de História Demográfica de reconstituição familiar de Louis Henry e Michel Fleury. A produção aglutinava numerosos professores e alunos em levantamento e organização de arquivos, articulando ainda profissionais da Geografia, Sociologia e Arquivologia.

A prática nos projetos compunha-se pela organização e catalogação de fundos documentais de algumas instituições municipais e paroquiais de cidades do Paraná. Visava a composição de séries de longa duração e estava comprometida com a revisão de uma história local, estas fontes traziam o questionamento da história produzida sobre temas como a existência de escravos e a influência das populações europeias de migração mais recente. A pesquisa contava com o financiamento por edital público da Fundação Educacional do Paraná (FUNDEPAR), Foram feitos levantamentos dos arquivos das cidades Curitiba, Jacarezinho, Lapa, Londrina, Maringá, Mandaguari, Paranaguá, Ponta Grossa, São José dos Pinhais e União da Vitória, incluindo os arquivos das matrizes e do poder público, uma reflexão sobre os resultados foram apresentados por suas coordenadoras:

Cidades de duzentos anos, cidades de vinte anos, não tem mais documentação que permita, por exemplo, a construção de séries contínuas e homogêneas necessárias aos estudos quantitativos de história social e econômica.

E é sabida e compreendida hoje a importância da documentação histórica, bem como se conhece o extraordinário valor dos arquivos históricos, inclusive para

os planos e projetos que visam a promoção dos recursos humanos e o desenvolvimento econômico e social, e o trabalho do historiador não pode ser omitido nas atividades de planejamento e assessoramento, razão porque não somente por motivos de ordem estritamente da ciência histórica, mas também da ação político-administrativa, há de recorrer-se à documentação organizada e arranjada, segundo normas técnicas indispensáveis (Balhana; Westphalen, 1971, p.243).

A posição cobrada pelas pesquisadoras evidenciava o discurso do dever de formação funcional dos arquivos e da história, da qual se espera um retorno à sociedade, neste caso uma das vias era servir ao planejamento social. O segundo apontamento que cobravam de seus pares, sob a perspectiva da não omissão do profissional da História, era o assessoramento técnico aos e pelos arquivos. Entendiam estes como elementos fundamentais para a reconstituição de visões acerca do passado, afirmando o compromisso da prática com a construção do futuro. A problematização dos arquivos como repositório de um conhecimento anterior e ferramenta de projeção da realidade foram temas de discussão deste grupo nas décadas seguinte. Seus trabalhos interdisciplinares contavam com um intenso diálogo com arquivistas, o que se tornou mais visível em projetos como da formação do Arquivo Histórico do Paraná.

Outra iniciativa apresentada nesse Simpósio de 1969 foi das professoras Castro e Ribeiro, que apresentaram novos resultados das pesquisas ligadas às atividades da disciplina de *Introdução*. Mas, neste momento, o levantamento de vários arquivos municipais e as atividades estavam sendo desenvolvidas de forma integrada com a *Sociedade de Estudos Históricos* (SEH). Esta Sociedade, sediada em São Paulo e fundada em 1951, englobava pesquisadores de diferentes instituições e desenvolvia junto a USP eventos como jornadas, conferências e atividades ligadas a divulgação e prática da história, apresentavam-se então evidências de esforços conjuntos para a solidificação do campo⁴.

Eurípedes Simões de Paula, estava à frente da SEH, além da ANPUH, e o tema dos arquivos passou a integrar a *Revista de História*, também dirigida por ele. A Revista, então no número 8, iniciou com a sessão dedicada a publicação de fontes históricas, e um espaço para a divulgação da criação de acervos e arquivos. Ainda nesse tempo, Simões de Paula presidiu o *Centro de Documentação Histórica* (CDH) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, e a proposta para o primeiro biênio era fazer o recolhimento de fontes em

⁴ Exemplos de pesquisadores da SEH era: Aldo Janoti, Alice P. Canabrava, Amélia Maericanio Domingues, Antonio Cândido de Melo e Souza, Aziz Nacib Ab Saber, Cio Prado Junior, Edna Chagas Cruz, Eduardo d'Oliveira França, Maria Celestina Teixeira Mendes, Odilon Nogueira Matos, Olga Pantaleão, Rozeno Sampaio Garcia, Sergio Buarque de Holanda

diferentes regiões do país. O Centro de Documentação foi também anunciado na *Revista de História*, número 72, publicada em 1967, em texto produzido por Dulce Helena Ramos e Raquel Glezer, onde estas expressavam gratidão à profa. Dra. Maria Regina Simões de Paula e o prof. Dr. Aziz Nacib Ab'Saber, pela participação no processo de idealização e execução do projeto. Para melhor entendimento da proposta as autoras transcreveram o regulamento do Centro onde se lia:

- 1) - Reunir e catalogar documentos primários e bibliografias especializadas, de interesse geral para estudos históricos e para o planejamento de pesquisas historiográficas;
- 2) - reunir catálogos de arquivos, museus e bibliotecas, atlas e mapas históricos, para facilitar a consulta documentária e amparar a programação de pesquisas;
- 3) - proceder à microfilmagem de documentos primários de interesse coletivo para pesquisas históricas e sociais, tais como coleções de documentos de arquivos públicos e particulares, obras raras, coleções de jornais e revistas;
- 4) - colocar em mãos dos pesquisadores interessados, através de assessoramento técnico, equipamentos para microfilmagem de documentação;
- 5) - reunir documentos didáticos (microfilmes, reproduções, cartas históricas, fotografias e slides) de interesse especial para o ensino da História em nível universitário .

No plano de auxílio aos pesquisadores muita coisa já tem sido feita, paralelamente ao trabalho de organização e assistência administrativa que se desenvolveu ao longo de todo o ano de 1967. Exemplo disso é o número de pessoas, que dos mais variados setores de trabalho, vem nos procurar para empréstimo das diferentes máquinas de microfilmagem, tais como Nikon, Asahi Pentax, Contarex Zeiss, Exata Varex, Exa, e outras (Ramos; Glazer, 1967, P. 597)

A proposição revela, para além da necessidade de dar conhecimento e resguardar a documentação, a preocupação com a instrumentalização destas para a pesquisa com o processo de microfilmagem. O alcance da tecnologia se fazia central neste processo, uma opção que remetia ao modelo parisiense do *Institut de Recherches et Histoire des Textes* (IRHT), fundado em 1937. Visando se especializar no desenvolvimento técnico e na difusão e conservação de documentos de origens diversas. Segundo Elisaberrh Mirra, em artigo publicado em uma edição da *Revista de História* dedicada a seu fundador, em 1971 o CDH foi definitivamente incorporado ao Departamento de História da USP e “neste período, o centro contou com a colaboração do prof. Frédéric Mauro que apresentou sugestões para ampliar e aperfeiçoar as áreas de atividades documentária e bibliográfica, bem como a reestruturação e elaboração do regulamento operacional do setor” (Mirra, 2009, p.5). Após a reformulação, o projeto *Documentação Regional* continuou a existir e a produzir resultados, como os apresentados no Simpósio da ANPUH de 1973, por Ellzabeth Conceta Mirra, Lanice Theodoro Da Silva e Betralda Lopes sobre os arquivos da região sudeste. Consistia em um

levantamento que encontrava ainda os mesmos desafios anteriores, como a posse privada de documentos, a falta de organização e deterioração do material.

A pretensão deste último projeto era de englobar a formação e divulgação de arquivos, em um plano que abrangeria o levantamento de fontes locais e o fortalecimento das relações entre arquivos municipais e faculdades no interior do Estado de São Paulo. Por outro lado, seria um projeto de âmbito nacional com a seleção e catalogação de fontes em pastas regionais a serem utilizadas posteriormente. Este grupo problematizava o conceito de arquivo e de sua utilidade para a História, entendendo como uma interação entre diferentes sujeitos, as instituições compondo uma rede de divulgação, debate e exercício dentro de espaços mais interdisciplinares, como a SEH, e outros mais voltados para a História, como a ANPUH.

Esta é uma análise inicial da relação entre o campo da História e a demanda por Arquivos nas décadas de 1970 e 1980. Sabe-se que este vínculo não se inicia neste momento, mas que ele marca uma tomada de posição da História desenvolvida na universidade que recoloca o documento e a instituição do arquivo como local da prática da história. Os dois exemplos aqui analisados demonstram o caminho de aproximação entre a área dos arquivistas e a técnica da história. O local de repouso do passado é elemento de veracidade das narrativas produzidas pelos grupos aqui trabalhados, não há uma preocupação inicial com os elementos de definição do arquivo, além de sua funcionalidade. Essas problematizações virão nas décadas seguintes, mas é inegável a importância destas ações.

REFERENCIAS

- ARTIÈRES, Phillipe. “Espaces d’archives”. Sociétés et Représentations, Lieux d’archive. Une nouvelle cartographie de La Maison au musée. Paris, no. 19, abril 2005.
- COOK, Terry et alli. “Arquivos, Documentos e Poder: a construção da memória moderna.” Registro [Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba], Indaiatuba-SP, n.3, p. 18-33. jul. 2004.
- DE CERTEAU, Michel. “A operação historiográfica” In: A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- ESPOSEL, João Pedro. Os Arquivos No Brasil: Atualidade E Perspectivas. In: Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo – 1973.
- MIRRA, Elisabeth Conceta. O prof. dr. Euripedes Simões de Paula, o Centro de Apoio a Pesquisa em História/CAPH e a memória da FFCL-FFLCH/USP: Trajetória e Possibilidades. In Revista de História, nº160 (dossiê: Euripedes Simões de Paula) – USP, São Paulo 1º semestre de 2009 disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/19100/21163>)
- MOLLAT, Michel. Pour une étude équilibrée de l’histoire recherche et enseignement. In:

anais do I Simpósio Nacional dos Professores Universitarios de História – 1961, Marília. São Paulo- 1962.

RAMOS, Dulce Helena Pessoa Ramos; Glezer, Raquel. O Centro de Documentação Histórica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. In Revista de História. <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/072/A019N072.pdf>

RIBEIRO, Maria Conceição Martins. “A organização de dois arquivos: autobiográfico e falado do Museu de Rio Claro.” in Anais do IV Simpósio Nacional Dos Professores Universitarios De História (Franca 1965) – São Paulo

RIBEIRO, Maria Conceição Martins. O Curso De Introdução Aos Estudos Históricos E As Fontes Primárias (uma Experiência). In Anais do IV Simpósio Nacional Dos Professores Universitarios De História (Franca 1965) – São Paulo

RICOEUR, Paul. “Histoire et Mémoire. L’Écriture de L’Histoire et la Représentation du passé”. Annales HSS, juillet-août 2000, pp. 731-747. Url: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_03952649_2000_num_55_4_2_79877

WESTPHALEN, Cecília; Balhana, Altiva. Projeto de levantamento de arquivos. In: Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo – 1971. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S05.45.pdf>